

A REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO (BRASILEIRO) EM PERSPECTIVA: UMA VISÃO PANORÂMICA (1932 - 2021)

Daniel Evangelista Sales¹

Fábio Pinto Gonçalves dos Reis²

Bruno Adriano Rodrigues da Silva³

Kleber Tüxen Carneiro⁴

RESUMO: O artigo retrata uma investigação cujo objetivo foi examinar (de modo panorâmico) a Revista de Educação Física do Exército, considerando seus aspectos conceituais, pedagógicos e (in)formativos. Trata-se de uma iniciativa científica justificada em virtude de corresponder ao mais antigo periódico da Educação Física, no território nacional, representando, por sua vez, um dos mais eminentes canais de comunicação em que se baseou a subárea do conhecimento (em questão), e ainda se mantém até certo ponto. Em termos metodológicos, adotou-se uma perspectiva mista, sendo a dimensão quantitativa responsável por cotejar os números, edições e tendências relativas à revista e a qualitativa destinada a evidenciar as categorias (epistemológicas) temáticas, segundo análise documental, provenientes das publicações. Em linhas gerais, os resultados indicam que a revista suscita problemáticas do contexto histórico e político do país, afora exibir a realidade pedagógica do exército envolvendo a Educação Física, as quais refletem tendências e inauguram sentidos ao campo formativo no qual se insere.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Educação Física. Revista de Educação Física.

THE JOURNAL OF PHYSICAL EDUCATION OF THE ARMY (BRAZILIAN) IN PERSPECTIVE: A PANORAMIC VIEW (1932 - 2021)

ABSTRACT: The article portrays an investigation whose objective was to examine (in a panoramic way) the Brazilian Army Physical Education Magazine, scrutinizing its conceptual, pedagogical and (in)formative aspects. Concern a scientific initiative justified by virtue of corresponding to the oldest periodical of Physical Education, in the national territory, representing, in turn, one of the most eminent channels of communication in which the subarea of knowledge (in question) was based, and it still holds up to some extent. In methodological

¹ Docente na Educação Básica de Minas Gerais/Brasil. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). dansales.edufisica@gmail.com

² Docente na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). fabioreis@ufla.br

³ Docente na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). b.adriano_rs@yahoo.com.br ou bruno.a.silva@unirio.br

⁴ Docente na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). kleber2910@gmail.com ou kleber.azevedo@ufla.br

terms, a mixed perspective was adopted, to know, the quantitative dimension responsible for collating numbers, editions and trends related to the magazine, and the qualitative aimed at highlighting the thematic (epistemological) categories, according to documental analysis, from the publications. In general terms, the results indicate that the magazine raises issues related to the country's historical and political context, in addition to displaying the pedagogical reality of the army involving Physical Education, which reflect trends and inaugurate perspectives for the formative field in which it operates.

KEYWORDS: KEYWORDS: Education. Physical Education. Journal of Physical Education.

LA REVISTA DE EDUCACIÓN FÍSICA DEL EJÉRCITO (BRASILEÑO) EN PERSPECTIVA: UNA VISTA PANORÁMICA (1932 - 2021)

RESUMEN: El artículo retrata una investigación cuyo objetivo fue examinar (de forma panorámica) la Revista de Educación Física del Ejército Brasileño, escrutando sus aspectos conceptuales, pedagógicos e (in)formativos. Se trata de una iniciativa científica justificada en virtud de corresponder a la revista de Educación Física más antigua, en el territorio nacional, representando, a su vez, uno de los canales de comunicación más eminentes en los que se basó la subárea del saber (en cuestión), y todavía se mantiene hasta cierto punto. En términos metodológicos, se adoptó una perspectiva mixta, para conocer la dimensión cuantitativa encargada de cotejar números, ediciones y tendencias relacionadas con la revista, y la cualitativa dirigida a resaltar las categorías temáticas (epistemológicas), según el análisis documental, de las publicaciones. En términos generales, los resultados indican que la revista plantea temas relacionados con el contexto histórico y político del país, además de mostrar la realidad pedagógica del ejército envolviendo la Educación Física, que reflejan tendencias e inauguran perspectivas al ámbito formativo en el que actúa.

PALABRAS CLAVE: Educación. Educación Física. Revista de Educación Física.

Introdução

A primeira edição da Revista de Educação Física do Exército Brasileiro (doravante REF/JPE) foi publicada em 1932 pelo Centro Militar de Educação Física (CMEF), um órgão do Exército fundado em 1922, pelo então Ministro da Guerra João Pandiá Calógeras, chefiado à época pelo Presidente da República, Epitácio Pessoa. Em 1933 o Presidente Getúlio Vargas, por via de decreto, criou em substituição ao CMEF, a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX) – originada inicialmente para formar instrutores, monitores, mestre d'armas, monitores de esgrima e médicos especializados, com abertura para civis participarem dos cursos (Melo, 1997) –, a qual, daquele momento em diante, se incumbiria pela gestão e publicação do periódico .

Naquele contexto, a Educação Física trilhava seus primeiros passos, em termos de organização científica e estruturação do conhecimento (Soares, 1994; Carneiro, 2012). Não havia escolas de formação civil, apenas a do Exército Brasileiro. O primeiro curso provisório para formação em Educação Física nacional foi realizado ainda em 1929 e foi organizado pelo antigo CMEF (Figueiredo, 2016). O saber profissional limitar-se-ia à prescrição e prática da ginástica e dos esportes, segundo uma orientação de natureza médica (Soares, 1994; Goelner, 2008; Vago, 2010). Em outras palavras, têm-se nas dimensões higiênicas e eugênicas os pressupostos científicos norteadores à Educação Física na década de 1930 e nas ulteriores (Castellani Filho, 1991; Medina, 1983).

A fim de regular a Educação Física em âmbito federal, a Divisão de Educação Física – órgão cuja finalidade era fiscalizar as diversas escolas de modo a afiançar a obrigatoriedade da prática, tal e qual a especialização técnica de seus instrutores/professores (Leite, 1937) –, sob a gestão de Major João Barbosa Leite, em 1937, preconiza um conjunto de documentos advertindo cujo problema da área persistia, isto é, prosseguia a ausência de especificidade profissional ao campo em questão, *pari passu*, indicavam o protagonismo do Estado Novo na criação desse órgão “regulador”.

Com destaque para o marco regulatório intitulado: “Evolução”, o qual se estrutura historicamente, citando a prática indígena, passando pela chegada dos jesuítas no Brasil, período caracterizado pela atividade física tanto como forma de regulação dos “sujeitos selvagens” quanto pela compreensão da rígida disciplina dos colégios jesuítas, em contraponto ao que seriam os “instintos naturais” dos indígenas (Leite, 1937). Há, além disso, passagens postulando a transição dos interesses higiênicos para os interesses educacionais, lembrando a centralidade dos médicos e a produção de suas teses imbuída pelos pensamentos: Spenceriano e Rousseauiano (Figueiredo, 2016).

De acordo com a autora supracitada, outros realces podem ser averiguados, a exemplo: do enaltecimento da(s) ginástica(s) fomentada(s) pela Escola Militar no Rio de Janeiro; nos pareceres de Rui Barbosa; e na publicação do denominado: “Novo guia para o ensino da Ginástica”, baseado no Método Alemão de Ginástica, pelo então Ministro do Império. Ademais, têm-se nos documentos da Divisão a crítica de que o Período Imperial no Brasil não reconhecia (devidamente) a Educação Física nacional, quando, na realidade, a área desfrutava de certo protagonismo no país, por intermédio da ginástica e dos esportes, no interior de instituições como: ACM, Ginásio Nacional, Colégio Militar e Marinha (Figueiredo, 2016). Ainda na esteira argumentativa da autora supracitada, havia uma patente preocupação dos membros constitutivos da Divisão de Educação Física em fomentar orientações para formação dos docentes da área, em âmbito nacional, preconizando tanto espaços de publicações quanto decretos sobre temáticas pertinentes a essa esfera do conhecimento.

Notemos, neste breve preâmbulo, a inequívoca presença das forças armadas na constituição da Educação Física nacional. Decerto essa instituição (de estado) colaborou e imprimiu algum tipo de formação ao campo da Educação Física, quer no plano regulatório – à semelhança do exposto –, quer em termos de disseminação de informações, premissas teóricas, conteúdos e iniciativas didáticas (Melo, 2007; Ferreira Neto, 1998; Linhales, 2009a, 2009b; Paiva, 2004).

À vista da conjuntura exposta, resolvemos desenvolver uma investigação científica mediante a qual pudéssemos examinar integralmente (sob uma vertente panorâmica) a REF/JPE do Exército Brasileiro, considerando os seus aspectos conceituais, pedagógicos e (in)formativos, de modo a averiguar quais eram as tendências epistemológicas e perspectivas formativas presente no periódico em tela?

Trata-se de uma iniciativa científica justificada, na medida em que o referido periódico corresponde ao mais antigo da Educação Física brasileira, representando, por sua vez, um dos mais eminentes canais de

comunicação científica, fato esse que o fez ser prospectado por outras investigações (Berto, 2008; Bezerra, 2011; Pinheiro, 2021), contudo, nenhuma delas propôs um exame panorâmico, tal e qual o fizemos. Na continuidade se tem o caminho metodológico da pesquisa.

Organização Metodológica

O estudo combina uma pesquisa de natureza quali-quantitativa, uma vez que o trabalho conjunto permite uma visão mais ampla, em razão de uma prospecção variada, com efeito, a exploração dos dados de modo abrangente, conferindo, em tese, indagações mais dinâmicas e criativas (Sampieri; Collado; Lucio, 2013). A articulação entre os métodos alvitra pela dialogicidade entre os resultados encontrados, valendo-se de um para nutrir a interpretação do outro (Dietrich; Loison; Roupnel, 2015).

Malgrado a pesquisa possua uma dupla natureza, sua ênfase repousa no aspecto qualitativo. Importa, em outras palavras, o significado das coisas (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos), porque este tem um papel organizador nos seres humanos (Lüdke; André, 1986). Num outro nível, os significados cujos “fenômenos” adquirem são compartilhados culturalmente em formas de crenças, representações, signos e saberes (Chizzotti, 2003).

No contexto desta pesquisa, a dimensão quantitativa decorre da mensuração numérica de edições as quais versavam sobre as categorias temáticas derivadas do exame qualitativo da REF/JPE, procurando, com isso, cotejar as perspectivas e prevalência das/nas publicações e volumes. Para tanto, empregou-se enquanto sistemática para prospecção: a Análise Documental. De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), trata-se de “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Donde esse recurso analítico

apresentar-se-ia algumas vantagens significativas, na medida em que fornece, “[...] um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência - a ser exercida pela presença ou intervenção do pesquisador - do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos, pesquisados” (Cellard, 2008, p. 295).

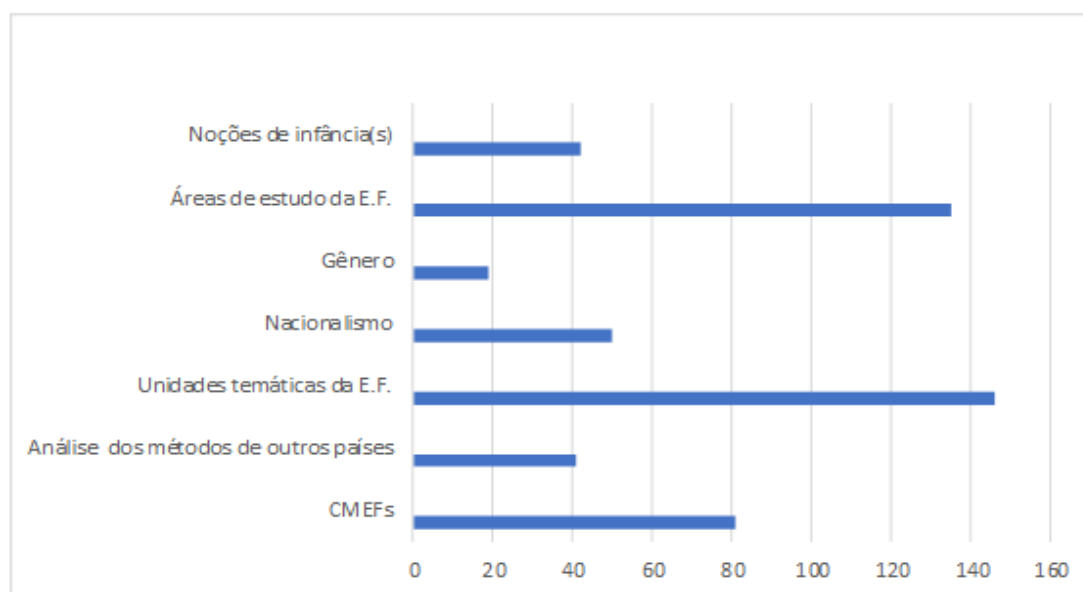
Para coleta de dados acessou-se a plataforma digital do periódico, sendo executada uma averiguação em todas as edições publicadas pela revista e disponíveis no site desde sua criação, compreendendo de 1932, até o ano de 2021. Empós reunir todo o conteúdo, iniciou-se o processo de registro e inventário do teor das fontes, cotejando o número de edições, quantidade de volumes por ano e o interstício temporal em que não houve publicações, tampouco informações ou justificativas para a interrupção dos trabalhos editoriais.

À vista disso, fez-se o exercício de agrupar todas as edições. Principiou-se o processo sucedendo uma leitura analítica e minuciosa de todas as produções, perfazendo um total de 159 volumes, com o propósito de encontrar categorias temáticas (ou agrupamentos epistemológicos) alinhadas ao objetivo da pesquisa, conforme se expôs anteriormente, convindo reiterar: examinar integralmente (sob uma perspectiva panorâmica) a REF/JPE do Exército Brasileiro, considerando os seus aspectos conceituais, pedagógicos e (in)formativos.

Num primeiro exercício perscrutador se considerou todos os aspectos contidos na REF/JPE, tendo em conta o cuidado de não excluir vestígios interessantes, tampouco engendrar categorias temáticas dúbias ou com teor equivalente. No entanto, devido ao amplo e volumoso conjunto de dados, o primeiro resultado da prospecção ficou extenso e demasiadamente intrincado. Sendo, portanto, imprescindível um segundo movimento analítico, na direção de melhor (e coerentemente) agrupar as categorias temáticas, consecutório, chegou-se ao seguinte predicamento: Noções de Infância; Áreas de Estudos da Educação Física; Gênero; Nacionalismo; Unidades Temáticas da Educação Física; Análise dos

Métodos (de Ensino e Treinamento) de Outros Países; e Centro Militar de Educação Física. Ademais, para examinar a prevalência na REF/JPE das categorias temáticas, compreendeu-se o número de edições e a recorrência (em algumas circunstâncias correspondia a uma alusão fortuita ou inexpressiva em termos de visibilidade, portanto, não se encontra no cômputo da categoria, mas aparece no âmbito do mote, caso do esporte, por exemplo) em que eram tratadas, de acordo com o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Prevalência na REF/JPE das categorias temáticas por número de edição



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Para perscrutar a REF/JPE, segundo cada categoria temática em seu aspecto conceitual, pedagógico e (in)formativo, seguiu-se a sequência contida no gráfico, o que não necessariamente interferiu no tratamento delas, apenas ordenou-as. Em termos de delimitação epistemológica em relação aos termos supramencionados, o entendimento de conceito se refere a “uma unidade de pensamento constituída por um conjunto de características atribuídas a um objeto ou a uma classe de objetos e que pode se exprimir por um termo ou por um símbolo” (Boutin-Quesnel, 1985. *et al.*).

Enquanto à noção de Pedagogia, alinhamo-nos à exegese de (Libâneo, 2004, p. 29-30), enquanto área epistemológica a qual se “ocupa do fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante”. Complementando seu raciocínio, o referido autor alega corresponder a “um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicamente e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa”.

No tocante ao entendimento de informação (com a liberdade de um “trocadilho” com o emprego do parêntese), oportuno deslindar se tratar de uma noção ampla e de intrincada delimitação, dado ao papel que desempenha na sociedade contemporânea, acentuado pelo desenvolvimento e a disseminação do uso de redes de computadores. A despeito de o conhecimento e a sua comunicação corresponderem a fenômenos básicos de toda sociedade humana, por certo, o surgimento das tecnologias e seus impactos globais inscreveram a sociedade hodierna como sendo da informação (Capurro; Hjørland, 2007). Sendo assim, na tentativa de evitar possíveis reducionismos para o termo em questão, recorreremos à visão mais abrangente formulada por Bogdan (1994, p. 53), ao indicar que a

“noção de informação tem sido usada para caracterizar uma medida de organização física (ou sua diminuição, na entropia), um padrão de comunicação entre fonte e receptor, uma forma de controle e feedback, a probabilidade de uma mensagem ser transmitida por um canal de comunicação, o conteúdo de um estado cognitivo, o significado de uma forma linguística ou a redução de uma incerteza. Estes conceitos de informação são definidos em várias teorias como a física, a termodinâmica, a teoria da comunicação, a cibernética, a teoria estatística da informação, a psicologia, a lógica indutiva e assim por diante. Parece não haver uma idéia única de informação para a qual estes vários conceitos convirjam e, portanto, nenhuma teoria proprietária da informação”.

Há, além das ponderações alegadas, outra pertinente na direção de não incorrer em equívocos epistemológicos. No interior da categoria temática cognominada: Unidades temáticas da Educação Física, estão contidos motes como: Danças, Lutas, Ginásticas, Jogos e brincadeiras e Esportes, haja vista corresponderem às expressões da cultura corporal de movimento, sendo ela o objeto epistemológico da Educação Física de acordo com Betti (2013). Portanto, em que pese o agrupamento compor distintos conteúdos, todos dizem respeito aos saberes/conhecimentos relativos ao campo de intervenção pedagógica da referida subárea. Além do mais, "conteúdo" pertence a um termo amiúde empregado na Educação Física.

A seguir discutiremos cada uma dessas categorias temáticas, não sem antes apresentar a prevalência delas na REF/JPE por edição publicada. Ao fim, teceremos nossas impressões sobre a pesquisa elaborada, de modo a sintetizar o empreendimento científico realizado.

Noções de Infância(S) (42 artigos)

No interior desta categoria analítica se perscrutou as concepções de infância(s) retratadas na REF/JPE, levando em consideração o contexto histórico em que tais publicações estão inseridas e observando-as sob uma vertente sociológica da infância (Sarmiento, 2008).

A Revista de Educação Física do Exército traz uma concepção muito específica sobre criança e uma única acepção para a infância. No entanto, faz-se indispensável compreender que tais entendimentos correspondem aos valores sustentados no âmbito militar. Logo, o modo com o qual a infância encontra-se compreendida na revista perpassa os interesses do exército em prol da pátria, tal-qualmente evidencia a forma em cuja temática acha-se retratada a partir da década de 1930 no Brasil, demonstrando, por sua vez, muita defluência daquela vivida no século XVIII. A maneira como a revista se apropria do assunto, embora fosse

direcionada pelo militarismo, não estava muito distante da concepção funcional encontrada no Brasil à época.

Entre as concepções averiguadas na revista grangeia destaque aquela pertinente a subalternidade da infância relacionada ao mundo dos adultos (Ariès, 1981). As crianças aparecem como seres humanos miniaturizados, incompletos, imperfeitos que poderiam ser preparados para serem bons adultos, contudo na condição de crianças “não tinham valor à sociedade”. Pode-se estabelecer a ilação de que a revista apresenta uma categoria estruturante sobre a infância como sendo uma preparação para ser adulto – visão propedêutica – (Sarmiento, 2008).

A compreensão da criança como um pequeno adulto fica franqueada quando se averiguam os planos de aulas e atividades apresentadas na revista destinadas às crianças, a julgar pelo fato de serem prescritas propostas de práticas corporais congêneres às destinadas aos adultos em treinamento militar. Cuidava-se apenas para que a apresentação da atividade fosse em formato de histórias infantis e o número de execuções fosse reduzido devido à fragilidade do infante.

Além de uma miniatura de adultos, a revista apresenta de maneira clara e determinada uma compreensão da infância como um período de construção do adulto interior. Todo cuidado com o corpo, higiene, saúde e a aspiração por retirar as crianças das ruas endereçando-as às instituições privadas, demonstravam expressiva preocupação com o devir pueril (Sarmiento, 2008). Há, ademais, uma inconfundível noção de infância compreendida como uma fase biológica e preparatória para a vida adulta, conforme exprimido antes. Com efeito, aumentá-lo-ia a possibilidade de se ter uma nação condicionada aos princípios políticos vigentes e capaz de responder aos anseios da pátria.

Em outras palavras, ao se voltar à infância, na realidade, tem-se no interior da revista uma patente preocupação com a nação. A infância parece ser vista tão somente na condição de um instrumento à formação de um ideal de nação, desconsiderando, com isso, os anseios e necessidades infantis, subtraindo, por sua vez, a criança como promotora

de cultura (Corsaro, 2003). O interesse pela infância propalado não está centralizado na criança per se, mas no adulto de amanhã e sua possível força de trabalho.

Outro fator que denota esse pragmatismo utilitário, reside na maneira como os artefatos lúdicos (leia-se brinquedos) são abordados, pois, não deveriam trazer divertimento ou quaisquer outras finalidades, exceto priorizar e fomentar o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças, sendo, portanto, algo produtivo aos olhos da sociedade capitalista e que representasse uma forma peculiar de trabalho – retomaremos esse assunto em uma subtema específico – (Carneiro, 2012; 2017).

Áreas de Estudo na Educação Física (135 Artigos)

Este quadro analítico dedicou-se a compreender as múltiplas subdivisões de estudo dentro da Educação Física, com efeito, discorrer uma breve descrição de como são abordadas. São elas: Metodologias de ensino, Educação Física adaptada, Higiene e saúde, Psicologia, Fisiologia/anatomia.

Ao longo das edições constatou-se não haver consenso em relação ao objeto de estudo da Educação Física, ou à qual ciência ela pertence, dentre outras dissensões. Essa verificação revela o debate epistemológico sobre o estatuto científico da Educação Física, cuja literatura vem retratando desde o século XIX, gerando tensões entre as diferentes matrizes teóricas as quais compõem o campo em questão (Betti, 2005; 2013; Soares, 1994; Carneiro, 2012).

Donde a REF/JPE se insere e subsidia, de alguma maneira, notadamente no plano da profissionalidade, haja vista não haver escolas de formação civil, apenas a da Marinha e do Exército (Figueiredo, 2016). O saber profissional limitar-se-ia à prescrição e prática da ginástica e dos esportes, segundo uma orientação de natureza médica (Soares, 1994; Goelner, 2008; Vago, 2010).

Outro ponto averiguado diz respeito à influência exercida na Educação Física no Brasil por métodos (de ensino) advindos de outros países, no entanto, essa especificidade será examinada numa categoria analítica própria, mais à frente. Todavia, em linhas gerais, há uma tendência de enfatizar a Educação Física como sinônimo de esporte(s) e na qualidade de instrumento propedêutico para o aperfeiçoamento (físico) dos jovens em aspiração e em exercício militar. Tal visão, em parte, decorre do movimento da esportivização que, ao longo dos (diferentes) governos militares, investiram no esporte para promoção do país mediante aos triunfos em competições (Darido, 1999; Carneiro, 2012). Por efeito, as instituições escolares, ao incluí-la no currículo, aderem (quase irrestritamente) e reproduzem (de modo irrefletido) a axiologia do rendimento, da comparabilidade de resultados e a “vitória a qualquer custo” nos esportes (CARNEIRO *et al.*, 2017).

Com a criação da nova Política Nacional de Educação Física e Desporto (PNED) se verifica certa expansão dos/nos debates sobre a Educação Física nas edições do periódico, irrompendo novas discussões e um diminuto olhar para a Educação Física escolar, consoante ao averiguado no estudo de Cunha (2017). Visemos, doravante, as subdivisões de campos de estudos escrutinadas.

Metodologia de ensino (41 artigos)

O tema em questão reúne uma seção de artigos que foi conservada em boa parte dos volumes da REF/JPE. Intitulada de: Seção de Educação Física e desporto e o subtítulo: Plano de ensino ou Unidade de Doutrina, onde exibiam planos de aula, numa espécie de indicativo (passo a passo) de como se deveria ensinar, na tentativa de instruir outros professores ou monitores os quais estivessem exercendo papel de treinadores. Há, além disso, a preconização de cursos de informação, monitores, instrutores, complementar e revisão. O intuito consistia em ensinar o método de Educação Física do Exército a ser adotado no ensino da

Educação Física, de modo a torná-los “aptos pedagogicamente” a dirigir, orientar e coordenar, em suas unidades, este ramo de instrução. Tais preparos se apresentavam em guias práticos, teóricos e excursões/visitas a outros centros.

Educação Física adaptada (10 artigos)

O mote tem sua primeira aparição na edição de 1949, antes disso não há qualquer menção às pessoas com deficiência ou qualquer adaptação feita para sua participação em práticas corporais. Essa primeira edição expõe as dificuldades que os instrutores tinham em aceitar alunos cegos em suas aulas, devido ao pouco conhecimento sobre as deficiências e a adversidade em adaptá-las aos aprendizes com exigências educativas extraordinárias. O fragmento textual a seguir revela esse cenário.

Nós, técnicos em Educação Física, sentimos e sabemos o quanto é difícil preparar homens capazes fisicamente de transporem obstáculos. Todos são homens normais. Vejamos agora em outro prisma – O dos cegos. Se a dificuldade de treinamento era uma, torna-se agora 100% maior. A paciência, a resignação, serão obrigatoriamente sempre acompanhantes de nossos trabalhos. Os meios nos fogem a cada momento e não encontramos facilidade na aprendizagem por parte deles (Pacca, 2020, p. 1).

Igualmente epitetada de Educação Física para inválidos, tratava-se de um ramo da Educação Física em crescente disseminação em diferentes países. Em algumas edições a revista traz artigos com exercícios específicos para o que eles chamavam de “classe de enfermos”. Essas categorias foram criadas pensando na enfermidade e na debilitação apresentada por cada um. Embora almejassem aproximar pessoas com enfermidades semelhantes pode-se afiançar de que correspondiam a treinamentos muito generalizados e incapazes de atender a necessidade

de cada militar, ou pessoas com deficiências, à semelhança do descrito por Costa e Souza (2004).

Em 1946, a administração dos veteranos de guerra estabeleceu de modo formal no Brasil o programa de recuperação médica o qual incluía a Educação Física Corretiva, mais tarde cognominada de: Terapêutica Corretiva. Inicia-se uma discussão sobre tratamentos para os “doentes mentais e físicos”, oferecido pelos educadores físicos especializados em recuperação ou “Corrective Therapist”. Diz respeito a um método empregado pelos instrutores militares do “Recondicionamento Físico do Exército dos Estados Unidos”, durante a II Guerra Mundial e que, após a cessação das hostilidades, passa a ser executado pelos civis. Ambicionava propor atividades físicas que pudessem reabilitar os militares e civis, seja para o desempenho prosaico da profissão, seja à vida pessoal, de modo a torná-lo mais independente, em que pesem os condicionantes em curso.

Higiene, medicina e saúde (92 artigos)

Trata-se de um agrupamento o qual compreende produções que tratam da Educação Física como: promotora de saúde e bem-estar físico; medicina desportiva; regime alimentar; massagem desportiva; fisioterapia; traumatologia; doenças e lesões esportivas; socorros e urgências para acidentes desportivos; malefícios do sedentarismo; higiene e limpeza do corpo; reabilitação para lesionados de guerra, dentre outras cuja tônica guarde similitude com essa natureza epistemológica.

Esses artigos correspondem, em parte, à presença marcante dos chamados Médico escolares ou Médico de Educação Física os quais compunham a gestão dos CMEF e da redação da REF/JPE. Existia uma preocupação que a Educação Física tivesse um olhar mais próximo da medicina de modo a valorizar seu discurso enquanto área da saúde. Ao abrigo da influência do método Francês pretendia reforçar a relação do

serviço médico escolar e a Educação Física nos países chamados: “países civilizados do mundo”, segundo o Dr. René Vuillaume (1954).

Psicologia (42 artigos)

Ao abrigo deste tema situam-se os conteúdos relacionados à dimensão psicológica do exercício. Dentre as disciplinas lecionadas nos cursos dos CMEF estava a de Psicologia. A partir dela se têm publicações temáticas cujos fitos se inclinam: à análise das emoções no esporte; às estruturas mentais dos atletas; relação entre emoções e competitividade; fatores comportamentais; quadro emocional dos militares; efeitos traumáticos do pós-guerra; dentre outras propensões.

A temática da psicologia aplicada à Educação Física converte-se num interesse epistêmico na medida em que não se consegue sustentar um programa de formação de soldados, fragmentando corpo e alma ou racionalidade e emoções. Tornando-se, portanto, indispensável perscrutar mais a fundo a psique humana, manifesta em expressões, condutas e comportamento (Brandão, 1995). Tal investigação tinha como finalidade a melhoria da raça, a eugenia. A psicologia seria, nesse sentido, uma maneira de se estudar o comportamento, e conseqüentemente, propor-se adaptações para alcançar o padrão de raça pura.

Fisiologia do exercício e anatomia (85 artigos)

No interior deste agrupamento foram observados os artigos relativos à fisiologia do exercício; efeitos do treinamento em situações específicas; metabolismo energético; anamnese de atletas de alto rendimento e de militares; antropometria; composição corporal; frequência cardíaca e zona ideal de esforço; dados biométricos; avaliações posturais; avaliações de capacidades físicas, índice de massa corporal, dentre outros aspectos concernentes às dimensões biodinâmicas do movimento humano.

Ao analisá-los nota-se existir uma razão específica para se pesquisar esses assuntos, pois, afora da produção de conhecimento em si mesmo, com o advento da esportivização e o enfoque da Educação Física sob as premissas eugênicas, tornar-se-ia imperativo investigar caminhos pelos quais fosse possível o fortalecimento do “homem brasileiro”. À vista disso, estudar o corpo humano, seu funcionamento e funções, encontrar respostas e exercícios específicos para o treinamento significava, dentre outras possibilidades, de maneira a alcançar um corpo tido como “perfeito”, com efeito, resultando, quiçá, num aumento substancial de possibilidades de vitórias em competições internacionais, cujas implicações sucederiam na constituição de uma nação forte e poderosa (Soares, 1994; Goelner, 2008; Vago, 2010; Castellani Filho, 1991; Medina, 1983).

Gênero (19 artigos)

A categoria (analítica) cognominada como Gênero prospectou a presença da mulher nos artigos, o espaço destinado a elas na revista, bem como seu reflexo na sociedade ao longo da temporalidade investigada e retratada nas publicações. Quanto ao conceito de gênero, trata-se de considerá-lo como uma categoria relacional entre mulheres e homens que, ao rejeitar o sentido do determinismo biológico, passa a envolver valores construídos socialmente ao longo da história. Ao passo que ele, o gênero, torna-se “a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Ele é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (Scott, 2017, p. 75). No que concerne à sexualidade, Louro (1997, p. 210) ressalta que seu entendimento implica mais “do que corpos que nela estão envolvidos, mas, sim, fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizadas ou colocadas em ação para expressar desejos e prazeres”.

Nota-se que a mulher não tem grande espaço na revista, sobretudo no início das edições até meados da década de 1970, seja na condição de autora ou enquanto protagonista de algo aludido nas publicações. A presença da mulher emerge com bastante ênfase na edição de 1933, no mês de março, como uma homenagem pelo dia da mulher, ocorrência que demonstra seu papel secundário, tal e qual revela a citação subsequente.

A educação física da mulher que, pela sua finalidade, não deve ser a mesma do homem, é para a humanidade de uma importância capital. É preciso compreender que a beleza de um povo depende da mulher e só de mulheres belas e fortes pode originar uma raça vigorosa e duradoura. Mas qual deve ser a educação física feminina mais conveniente à mulher? A resposta não me parece difícil. É, antes de tudo, a que tem em vista o papel preponderante da mulher na função sagrada da reprodução da espécie. É a que faça da mulher um ser perfeito, sadio, energético, capaz de maior rendimento na sua atividade produtiva, que aperfeiçoe e apure as qualidades intelectuais do sexo, para melhor colaboração com o homem na luta pela vida. É a que, enfim, torne a mulher forte, sem que desvirtue na masculinização. (Revista de Educação Física, 1933c, p 1).

Ante aos ideais de eugenia e o nacionalismo – delinearemos melhor o nacionalismo na categoria ulterior –, a figura da mulher em suas poucas aparições figura enquanto um instrumento para o fortalecimento da raça. Havia uma necessidade de investir no aprimoramento do corpo feminino branco, sob a alegação de que tal empenho pudesse gerar uma nação forte e sadia, competindo a Educação Física parte desse projeto de “lapidação da mulher”. Essas ideias se fortaleceram com o governo centralizador vigente no Brasil na década de 1930, cujas atuações culminaram na instauração do regime ditatorial. O governo totalitário em questão implantou várias ações ligadas à Educação Física e ao esporte, haja vista serem considerados pilares do projeto de (poder) engrandecimento da Pátria, para tanto, tornava-se imperativo o fortalecimento da população, a depuração racial e a construção de um sentimento de identidade nacional (Altmann, 1998).

Outro elemento observado em relação ao apagamento das mulheres na REF/JPE, refere-se à ausência de figuras femininas. A literatura científica relativa à participação das mulheres no esporte assinala muitos obstáculos como: a masculinização de seus corpos quando se inserem na esfera esportiva; processos de subjugação; aviltamento; e oclusão, quando ousam sobrepujar os limites e as demarcações de gênero, transcendendo estereótipos historicamente naturalizados, por sua vez, passam a serem associadas ao sexo masculino e colocadas em suspeição quanto à sua orientação sexual (Goellner, 2008; Altmann, 1998).

No que concerne à revista, em quase todas as edições, têm-se imagens ilustrativas e de fotos de atletas de sucesso em suas modalidades, mas a figura da mulher quase não aparece, não fossem os momentos de homenagens ou como figura complementar à ação masculina.

Nacionalismo (50 artigos)

Esta categoria conjugou/escrutinou artigos cujo teor versavam de maneira explícita ou implícita assuntos pertinentes ao nacionalismo, com efeito, produções as quais apregoavam e exaltavam as forças armadas, os preceitos eugênicos e o Brasil enquanto “país do futuro”. O nacionalismo no país esteve relacionado ao período de governo de Getúlio Vargas, mormente no período da ditadura do Estado Novo, quando era presidente no Brasil. O Estado Novo compreendeu os anos de 1937 a 1945 e tinha como principais características o anticomunismo, o autoritarismo e o nacionalismo. A era Vargas impulsionava o nacionalismo de diversas formas, desde a implementação de políticas populistas, a utilização de propaganda do seu governo, a extrema valorização do território brasileiro.

Em relação a esse mote, há momentos cuja revista se deteve a publicar mensagens, imagens, fotos de cunho nacionalista, à semelhança

das frases: “SER FORTE PARA FAZER O BRASIL FORTE” (Edição de 1932, volume 01), “BRASIL! TEU POVO É FORTE COMO É GRANDE A NOSSA TERRA” (Edição de 1938, volume 07) inscrevendo (ou inculcando) de modo inequívoco uma noção de “raça” tida como pura e essencial para o desenvolvimento do país. Havia uma preocupação com a preservação do ideal da “raça pura”, devido ao perfil brasileiro ser visto como “fraco”, por se originar de povos brancos, negros e indígenas (Soares, 1994; Vago, 2010; Castellani Filho, 1991; Medina, 1983).

Por esse motivo a Educação Física, corolário a REF/JPE, ao que tudo indica, figurar-se-iam como promissores instrumentos nacionalistas, os quais, de alguma maneira, estariam a serviço dos interesses da chamada “política de eugenia” (Soares, 1994; Castellani Filho, 1991). Tratava-se realmente de um intento nacional, a tal monta de instituir: A Comissão Central Brasileira de Eugenia, a fim de formular estudos e propagandas propalando os ideais de regeneração física e moral do homem, *pari passu* proposições que depreciavam a miscigenação e relacionavam problemas físicos e psicológicos a má hereditariedade. Conferindo destaque aos indivíduos “bem-dotados”, se comparados aos “indivíduos com déficit” das características da “raça pura” transmissíveis por hereditariedade. À vista disso, era peremptória a conservação e multiplicação das “famílias bem constituídas e de proles sadias de bem-dotados”, combatendo, por sua vez, as causas que concorriam para dificultar a sua existência e sua função geradora útil à nacionalidade (VAGO, 2010).

Unidades Temáticas da Educação Física (146 artigos)

No interior desta categoria temática encontram-se motes como: Danças, Lutas, Ginásticas, Jogos e brincadeiras e Esportes, haja vista corresponderem às expressões da cultura corporal de movimento, sendo ela o objeto epistemológico da Educação Física de acordo com (Betti, 2013), à semelhança de o antes exposto, convindo recapitular. Portanto,

a despeito de o agrupamento compor distintos conteúdos, todos dizem respeito aos saberes/conhecimentos relativos ao campo de intervenção pedagógica da referida subárea. Além do mais, "conteúdo" pertence a um termo amiúde empregado na Educação Física.

Dança (05 artigos)

A dança não ocupa lugar de destaque nas publicações da REF/JPE, a julgar pela incidência de apenas cinco (5) artigos publicados a respeito dessa temática. Neles, a dança refere-se a um instrumento para o desenvolvimento neuromuscular, expressão da alma de um povo, imitações da vida cotidiana e manifestações religiosas – via de regra, sob uma visão propedêutica –.

São preconizados alguns indicativos associados a essa prática corporal, tais como: a “estética da dança”, por intermédio da qual se fomentaria uma prática harmoniosa, graciosa e de extrema leveza; aspectos higiênicos que se preocupam com a assepsia e a “moral” capaz de preservar a(s) juventude(s); e os aspectos educacionais (VAGO, 2010).

Sua concisa aparição provavelmente decorra do pouco espaço cuja mulher ocupava (e ainda preenche) na revista, dada a associação de que apenas à mulher competia o ato de dançar, enquanto aos homens recaiam as atividades mais “viris e duras”. Tal entendimento se antagoniza a concepção de Kunz (2006) e Betti (2013) quanto à dança enquanto expressão da linguagem de movimento (humano), de igual modo sua discriminação em relação ao gênero (e outros marcadores sociais), na medida em que se inscrevem em valores culturais. (Kunz, 2006). Um cenário que se acentua na esfera militar, devido à dança, tal e qual a mulher, inexistirem no plano dos interesses e métodos militares ao longo da história (Goellner, 2008). Recordemos do debate exposto anteriormente, na categoria intitulada de gênero.

Há, além disso, o fato de a dança ser insólita e/ou exibida enquanto objeto de estudos no Brasil. Prova disso, reside na ocorrência da

REF/JPE recorrer a autores estrangeiros para embasar sua discussão relativa à dança, demonstrando, assim, uma possível ausência de nomes nacionais capazes de orientar à sua prática. Malgrado haja esse limite, há alusão às danças como: a Holandesa, Inglesa e Húngara, na qualidade de bons exemplos a serem observados para se criar e estilizar as danças brasileiras, a exemplo do Cateretê, batuque e o do samba.

Um dos livros que orienta a discussão sobre o mote no periódico refere-se ao: *Method Teaching*, mencionado na edição de 1933 (volume 01), de autoria de Arnold.⁵ A obra versa sobre a dança sob uma ótica estritamente técnica, no entanto, preconiza respeitar o “espírito da dança”, ou seja, o movimentar-se de maneira livre e espontânea, paradoxalmente.

Lutas (44 artigos)

Em relação às lutas, a revista revela informações sobre diversas modalidades, regras, maneiras de ensino e treinamentos específicos de combate e defesa pessoal. A perspectiva se volta, em sua maior aparição, para sua aplicabilidade na prática profissional militar. Alvitrando, com ela, “desenvolver todo o sistema muscular, aumentar a resistência, desenvolver a audácia, o sangue frio, raciocínio ágil, energia, tenacidade, confiança em si, impor-se aos demais e gerar disciplina e respeito” (Edição de 1935, volume 04, p. 01). A revista torna claro que a luta, enquanto defesa pessoal, dever-se-ia ser conhecida por todo militar em virtude de sua preparação profissional.

Dentre as modalidades mais citadas se têm: a esgrima, por se tratar de uma prova do campeonato militar; o jiu-jitsu; e a luta livre, por efeito de sua contribuição à defesa pessoal. As lutas igualmente afluem na condição de prática esportiva e atividade de lazer, todavia em menor

⁵ O autor em questão é desconhecido por esta pesquisa. A ausência de sobrenome ou alguma informação pela qual pudéssemos identificá-lo dificultou a busca por informações mais precisas.

incidência. A partir da década de 1950 as publicações sobre as lutas se inclinam para os aspectos fisiológicos dos atletas. As produções não acompanham as tendências mais recentes relativas ao tema na literatura especializada (Gomes, 2008; Rufino, 2012; 2018; Pereira, Reis, Carneiro, 2020; Pereira, Reis, Carneiro, Scaglia, 2021).

Ginástica (41 artigos)

No que concerne à ginástica, nota-se que a revista a concebe de diferentes maneiras. Seja como a ciência e a arte do movimento, seja na condição de técnica de meditação e relaxamento. Em outros momentos figura enquanto método de treinamento, ou mesmo na qualidade de prática corporal escolar ou esporte de alto rendimento.

A despeito de a ginástica granjear expressiva aparição nas edições, o periódico não procura discuti-la, no entanto, exhibe maneiras para a sua “perfeita execução”. Para isso, faz uso de uma sequência de “passo a passo” no qual se tem descrito como fazer, durante quanto tempo, em qual lugar e em busca de qual benefício, sistematizando, por sua vez, a ginástica dentro dos centros militares (Revista de Educação Física, 1933a).

Os registros da ginástica na revista inscrevem-se ante a influência do(s) contexto(s) político(s) cujo país vivenciava, a julgar pelas reformas educacionais que inseriram a ginástica na escola, a inclusão da Educação Física na Constituição Brasileira e a adoção dos métodos ginásticos oriundos das escolas francesa e sueca, sob a ótica militar/eugenista/higienista, ratificando essa perspectiva, à semelhança de o exposto em outras categorias perscrutadas (Soares, 1994; Goelner, 2008; Castellani Filho, 1991; Medina, 1983).

O Centro Militar de Educação Física granjeou notoriedade na disseminação do método Francês no Brasil. Empós sua criação em 1929, admite o método introduzindo-o no Regulamento Geral da Educação Física. O CMEF promoveu um curso provisório que formou, além de

militares, 22 professores civis, os quais foram lecionar em escolas públicas do Distrito Federal, principalmente na Escola Normal, voltaremos a debatê-lo mais à frente, no interior de uma categoria própria. A ginástica assume então, categoricamente uma acepção de treinamento físico para o exército, *pari passu* uma ambição instrucional à educação formal, inspirada no referido método. O excerto a seguir expõe essa acepção.

O treinamento físico geral que, antigamente, era feito por meio das nossas conhecidas sessões de ginástica comum, compreende, hoje: sessões de ginástica corretiva, preventiva e sessões de treinamento físico em percurso, bem como sessões de ginástica “sur plateau”; sendo que esta última, não é mais do que a antiga sessão de ginástica comum acrescida de alguns elementos da ginástica corretiva e preventiva. Não há uma só modalidade de trabalho, seja ela ginástica de chão, percursos em pista ou ginástica de conservação, de que trata o MEMENTO FRANCÊS⁶, que não fosse abordado por nós. (Revista de Educação Física, 1948 [2020], p 1).

A ginástica segue sendo discutida até a década de 1980. Em última análise, o material prospectado faculta-nos afiançar cujas menções à aludida prática corporal são influenciadas pelas discussões externas ao exército, ora conferindo um caráter esportista, na década de 1970; ora da aptidão física, na década de 1980; e mais recentemente a conotação de saúde e bem-estar (Soares, 1982).

Jogos e brincadeiras (42 artigos)

Outro mote presente no interior de algumas edições e artigos difundidos na REF/JPE são os jogos e brincadeiras. Em linhas gerais, dizem respeito às atividades recreativas criadas e/ou incentivadas pelo exército. Dentre eles têm-se: os campos de recreios; campos de jogos;

⁶ A expressão Memento Francês faz referência a uma espécie de resumo do Método Francês de Educação Física.

parques infantis; e colônias de férias. São atividades cuja natureza evoca possibilidades de lazer e desenvolvimento físico. Esses espaços ocuparam lugar de destaque quando se tratava da Educação Física às crianças, conforme se observa no fragmento textual doravante.

Assim viemos daqui fazer um apelo aos nossos camaradas espalhados pelo Brasil inteiro para que surgiram aos prefeitos locais, das guarnições militares, a criação de “campos de recreio”, onde os futuros rapazes e raparigas do Brasil aprendam a ser alegres, plantem na sua alma e no seu corpo a raiz de ouro da alegria de viver. Se viajarmos pelo Brasil verificamos que a mais humilde cidade tem o seu jardimzinho raquítico e o seu coretinho anêmico, no entanto, porque não fazer em vez desta pretenciosa mostra de “civilização” um “campo de recreio” para as suas crianças?” (PINHEIRO, 1932, p 2).

As publicações relativas aos jogos e brincadeiras indicam o incentivo à criação de um ambiente de paz e harmonia às crianças. Percorramos um fragmento com essa alegação. “Si desejamos paz devemos suscita-la no coração das crianças e é nos campos e por meio dos jogos que isso pode obter facilmente” (Educação Física, 1933b, p. 26). Tratar-se-iam de espaços propícios não somente para distrair ou repousar os infantis, mas, mormente consistiam em organizações sociais pelas quais os partícipes pudessem adquirir saúde física e moral, uma espécie de ambientação à Educação Física.

Soma-se a essa premissa, a noção de preservação da saúde e cuidado com as crianças, perfeitamente alinhada ao contexto político da década de 1930, pois no período antecedente à Revolução de 1930, alguns estados almejavam o desenvolvimento a custos da acumulação do capital, crescimento do mercado de trabalho, adoção do trabalho feminino e infantil (assalariados) e da imigração. Os infantes inseridos precocemente no mundo do trabalho moravam mal, se alimentavam de maneira insuficiente e dispunham de pouco ou nenhum cuidado básico de higiene. Alegava-se que o trabalho infantil retiraria as crianças da rua e protegê-las-iam dos males sociais, moléstias físicas e vícios morais.

Portanto, os espaços de lazer e atividades recreativas fomentadas pelo exército, removê-las-iam das ruas, sem, no entanto, inseri-las no cruel mundo do trabalho, indicando, por sua vez, um caminho de regeneração, civilização e nacionalização – os jogos/brincadeiras recebiam uma conotação redentora (Carneiro, 2012; 2017; Scaglia, 2003). A descrição doravante revela essa visão.

As crianças são como as plantas, que necessitam mudar do meio onde vivem, para respirar um ar mais puro do que a aquele que habitualmente areja seus pulmões. Ar e sol, liberdade e movimento, são as necessidades da criança. Para elas, o ar e sol, combinados com os exercícios físicos e os jogos, constituem o melhor preservativo das enfermidades, tonificando e arejando os pulmões, oxigenando o sangue, ativando a circulação. Facilitando a digestão e contribuindo para o desenvolvimento harmonioso de sua constituição geral. [...] A higiene coletiva e individual, as lições de moral, o saber-viver e o saber-fazer, são outros tantos elementos a serem colocados em um primeiro plano nos Centros de Férias. (Educação Física, 1933b, p. 27).

Na segunda edição de 1939, os antigos campos de jogos ou centros de férias conferem espaço a uma nova criação, a saber: os parques infantis, cujo objetivo consistia em fomentar e desenvolver as iniciativas destinadas a favorecer o movimento educacional, artístico e cultural da cidade de São Paulo. À semelhança do fragmento textual a seguir.

Era mister, antes de tudo, modificar a idéia existente na maioria da população – e que hoje ainda existe em boa parte, infelizmente – que parque de jogos são campos, com abrigos, galpões e aparelhos de recreios onde as crianças brincam. Um verdadeiro conceito se impunha. Foi quando definimos os Parques Infantis como “logradouros públicos onde, pela recreação e pelo jogo organizado, se procura educar a criança, ministrando-lhe simultaneamente toda assistência necessária. Baseados nessa concepção atribuímos aos Parques Infantis uma triplíce finalidade: assistir, educar e recrear, dando lhes uma organização própria, de acordo com o nosso meio, com a nossa gente, e principalmente, com as necessidades reais da criança (MIRANDA, 1939, p. 1).

Ao longo das edições fica patente o entendimento propedêutico dos jogos e brincadeiras, reduzidos, em grande medida, a ferramenta educacional ou higiênica. Especialmente nos Campos de jogos, Centros de Férias e Parques infantis essa temática parece estar ligada (e circunscrita) aos cuidados médicos e higiênicos. Uma espécie de placebo, para combater o “remédio amargo” da ausência de políticas públicas para enfrentar a miséria, o abandono social e por vezes o afetivo (Carneiro, 2012; 2017; Scaglia, 2003).

Esportes (136 artigos)

Outra temática expressivamente debatida nas edições refere-se aos esportes, aliás, figura como maior destaque e expressão nas edições, não sem razão. Os artigos que versam sobre esportes se pautam em treinamento esportivo, competições e resultados obtidos em emulações internas e externas ao exército, com destaque às olimpíadas e pesquisas com atletas. Correspondem, ademais, às biografias de esportista que se destacaram em modalidades clássicas, para a divulgação de eventos e gestão esportiva. Relativo às modalidades, encontra-se a prevalência no futebol, atletismo e equitação.

Essa categoria está presente em quase todos os volumes sejam em conteúdos inscritos, iconografias ou matérias de órgãos externos, e se sobressai como a categoria mais presente se comparada às demais. Demonstrando, por sua vez, o elevado valor dado ao esporte pela revista e quiçá se justifique pela grande preocupação dos militares com a prática esportiva (Taborda de Oliveira, 2012).

Em 1932, durante a Era Vargas, o então Ministro de Estado da Guerra, General José Fernandes Leite de Castro, promulgou o decreto 21.324/32 que regulamentava a disciplina da Educação Física e preconizava sua expansão das escolas militares para os estabelecimentos de ensino civis. Contudo, isso só se efetivou em 1934, sendo em 1937 em cuja constituição tornou, pela primeira vez na história do país, a prática

da Educação Física obrigatória em toda rede de ensino. Os artigos 131 e 132 da Constituição de 1937 ratificam essa asseveração (Brasil, 1937).

A presença da Educação Física nas escolas tornava-se fulcral ao projeto de educação militar, porquanto por intermédio dela o exército poder-se-ia expor a ideia de moralização da(s) juventude(s) e veicular a preparação do corpo para eventuais obrigаторiedades de defesa da nação (Nascimento, 2018). De acordo com o autor supramencionado, tem-se por intermédio dela (leia-se Educação Física) o fortalecimento do homem, bem como da nação, sendo indispensáveis para alcançar esse desígnio, consoante ao teor do fragmento textual exposto de agora em diante.

[...] o trabalho físico é o único meio de retemperar a raça por fortificar os jovens, apressar seu amadurecimento e melhorar a riqueza, pelo acréscimo resultante do aumento do capital precioso força-saúde. Aliás, intimamente ligados, como são, todas as faces do nosso ser, a Educação Física tem formidáveis repercussões sobre o lado Moral e Intelectual. [...] Além deste seu efeito importante, ele desenvolve a força, a destreza, a resistência, a velocidade, a harmonia de formas, a coragem, a audácia, o sangue frio, a tenacidade, em quatro palavras: a tempera de caráter. Estas vantagens imediatas refletindo-se diretamente em todo o país, trarão como consequência o acréscimo das forças produtivas, aumento considerável do rendimento do trabalho individual e coletivo, fechamento de hospitais e presídios, e a formação e melhoramento da nossa raça (Molina, 1932, p. 1).

E a ferramenta cuja área se valeria seriam as práticas esportivas. Elas fortaleceriam os homens, aprimorariam suas capacidades físicas, colmatariam falhas de caráter, libertá-los-iam dos vícios, aumentariam a produtividade no trabalho, afora sua pujança profilática para “curar” e prevenir moléstias, resultando, com isso, na melhoria da raça brasileira, consoante ao exprimido antes e no excerto seguidamente.

Até bem pouco tempo, nossa mentalidade era outra, nos colégios não se cuidava da educação física e quem fazia esporte era tido como de pouca cultura, desqualificado. Felizmente, espíritos empreendedores trabalham ativamente, numa luta incessante, si bem que, às vezes,

em plena luminosidade e no dinamismo do século XX, surjam certos retrógrados a querer derrubar um ideal nobre, que um grupo de incansáveis pretende elevar. O esporte educa o homem e faz parte da civilização de um povo, influenciando na sua sociedade. [...] O indivíduo que faz esporte, que tem necessidade de sua educação física, não deve corromper-se procurando alegria num copo de vinho, em sórdidas tabernas, nem no negrume dos antros e dos cabarês. Sentirá mais prazer em seu treinamento, acumulará maior soma de energias, terá vida mais sã e saberá melhor escalonar o tempo de repouso, de obrigações e de exercício. Acredito, portanto, que si a nossa raça conseguir o aperfeiçoamento físico, os nossos descendentes trarão de além-fronteiras, através a imensidade das águas, a glória que almeja todo país civilizado (Padilha, 1933, p. 1).

Malgrado a grande popularidade do esporte, sua aceitação social decorre de um projeto maior, com o advento do nacionalismo no Brasil advindo de contribuições políticas, movimentos intelectuais e da imprensa, na direção de imprimir uma unidade nacional. Inclusive a profissionalização do futebol em 1933 e a copa de 1938 nutriram esse projeto de nação.

As edições subsequentes da revista seguem descrevendo feitos esportivos, recordes e conquistas advindas dos militares e com o passar dos anos assume uma postura mais voltada à pesquisa, tratando o esporte como um objeto de estudo pensando o desempenho de atletas, mas não acompanham as novas vertentes relativas ao fenômeno esportivo, notadamente no tocante à pedagogia do esporte (Sadi, 2010; Reverdito, Scaglia, Montagner, 2013).

Análise dos métodos (de ensino e treinamento) de outros países (41 artigos)

Em sua primeira edição, a revista apresenta uma comissão formada pela Sociedade das Nações, a qual se propôs a investigar o desenvolvimento da Educação Física nos países da Europa, consoante ao que traduz o excerto textual deste ponto em diante.

A secção de Hygiene da Sociedade das Nações⁷ levando em conta a oportunidade incontestada da Educação Física nomeou uma comissão chefiada, pelo notável Dr. Piasech, director da universidade de Poznam, para investigar o seu estado e problemas entre os países da Europa. Trata-se de um documento de alto valor científico que achamos de todo interesse vulgarisá-lo. Foram visitados os seguintes países: Alemanha, Austria, Belgica, Dinamarca, Finlândia, França, Gra-Bretanha, Italia, Noruega, Países Baixos, Suecia, Suíça, Tchecoslováquia. (Educação Física, 1931, p. 21).

Depreende-se do relato a criação de uma comissão destinada a viajar por 13 países e 23 importantes centros, de modo a conhecer e investigar os esforços empreendidos na Europa para o aperfeiçoamento da Educação Física. Cita, além disso, de cuja pesquisa somente se tornaria completa após investigação de outros países “adiantados”, tais como: Estados Unidos e Japão.

As referidas inspeções aconteceram em laboratórios de pesquisas, universidades, institutos especiais de Educação Física, escolas (infantis, primárias, secundárias, normais). Além do que, examinaram documentos e manuscritos que orientavam tais práticas. A maior parte dos artigos agrupados nesta categoria dizem respeito aos frutos e resultados dessa comitiva, discussão relativa ao êxito desses países em competições esportivas e seus métodos de ensino e preparação esportiva.

No contexto histórico e político vivido no Brasil na Era Vargas, especialmente na década de 1930, a influência dos métodos ginásticos oriundos de outros países foi fundamental para reforçar valores de eugenia, nacionalismo e fortalecimento do exército brasileiro – notemos, mais uma vez, o fato das categorias analíticas formuladas por nosso estudo estarem alinhadas com essas premissas, facultando-nos a ilação de que a Revista de Educação Física/Journal of Physical Education

⁷ A sociedade das Nações, também conhecida como Liga das Nações, foi uma organização internacional onde as potências vencedoras da Primeira Guerra Mundial se reuniram para negociar um acordo de paz. Seu papel era assegurar a paz entre os países. Dentre outras comissões estava a Comissão de Saúde que deu origem a Seção de Higiene.

(REF/JPE) figurava (e de certo modo ainda figura) como um relevante instrumento ideológico e fonte de poder (in)formativo. Isso resultou na adoção do método Francês na qualidade de referência oficial no Brasil. Havia, portanto, a preocupação com o desenvolvimento do patriotismo e do nacionalismo junto aos jovens estudantes (Betti, 1991; Soares, 1994; Castellani Filho, 1991; Medina, 1983).

A despeito das inclinações e anseios para se desenvolver um método de ensino à Educação Física, observando as idiossincrasias do povo brasileiro, depois de perscrutar os estrangeiros – tal qual fez a Sociedade das Nações descrita anteriormente –, os relatos encontrados na revista evidenciam a ausência de condições (objetivas) para criá-lo, haja vista a falta de estudos aprofundados sobre o campo científico pertinente à Educação Física. Visemos um deles:

Não nos era possível ter a veleidade de apresentar um método brasileiro, pois para tanto faltavam-nos as observações e estudos continuados, de anos seguidos, a fim de que, de acordo com as ideias, as experiências e observações brasileiras, pudéssemos fazer a seleção sob um ponto de vista estritamente científico, dos meios e exercícios que deviam constituir o método nacional. Na impossibilidade, repetimos, de apresentar, por óra, um método brasileiro, restava-nos a solução de estudar todos os métodos existentes e, dentre estes, escolher o que mais nos poderia ser útil (Molina, 1932).

Prova disso, repousa na admiração (acrítica) cujo país devota a outros – oportuno aludir o complexo de vira-lata descrito em 1958 pelo jornalista brasileiro Nelson Rodrigues como “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo” –, a exemplo do seguinte excerto textual: “Estão esparsas no ambiente moral ideias iguais às que fizeram a grandeza da Inglaterra. Procuremo-las. Descubrimo-las. Realizemo-las” (Educação Física, 1933d, s/p.). Tratava-se de almejar ideais políticos, os quais, de acordo com o editorial da revista, eram necessários ao Brasil.

A revista expõe situações segundo as quais: métodos, escolas, centros militares, centros educacionais de outros países são citados como bons exemplos a serem seguidos. Alguns de fato, trouxeram expressivas contribuições ao Brasil, outros, no entanto, requerem uma análise cautelosa, profunda e crítica. A título de exemplo, aludamos a edição de 1935, em que um dos artigos faz referência e exaltação ao Programa Nazista de Educação Física. Sob orientação de Adolf Hitler, presidente da Alemanha neste período, o programa se liga à revolução social com objetivo principal, qual seja, a consolidação do espírito de disciplina nacional. “A Educação Física tem sido a parte central do programa de Nazi para construir uma Nova Alemanha”. (Educação Física, 1935 [2020], p. 1) – não confundamos, no entanto, o referido programa e o método ginástico alemão –. O Brasil sinaliza simpatizar com os ideais defendidos naquele momento pelo programa alemão, à vista de que ambos os países nutrem apreço e propalam a eugenia, patriotismo e totalitarismo. Não bastasse, têm-se, além disso, tributos prestados a Mussolini e à Educação Física italiana (Educação Física, 1933d; Educação Física, 1934).

A REF/JPE passa por um período de silêncio no que se refere a essa temática e volta a mencionar pesquisas internacionais após a década de 1990, entretanto apenas como maneira de divulgação de trabalhos cuja repercussão granjeasse expressão e não mais na condição de ideais a serem almejados ou apregoadas no Brasil.

Os Centros Militares de Educação Física – CMEF (81 artigos)

Encontram-se reunidas nesta categoria produções relativas às questões específicas dos Centros Militares. São textos que traduzem a ideologia pela qual se norteavam os centros, suas metas e objetivos ambicionados, a política de funcionamento e visão com a qual organizavam a instituição. Além disso, constam artigos que divulgavam os feitos dos CMEF, propagandas do dia a dia dos centros, visitas ilustres

e matérias de órgãos externos exaltando seu progresso. Havia uma grande preocupação em apresentar os aspectos positivos e os bons resultados das ações das forças armadas, em especial do exército, devido ao cenário político da época, a saber, a Era Vargas a qual desestabilizou os arranjos oligárquicos que estruturavam a Primeira República, engendrando a necessidade de uma nova ordenação, cuja participação militar fora decisiva.

Essa conjuntura marcou a atuação do exército durante os primeiros anos de 1930. Ao chefe do governo provisório era precípua dispor de um exército forte o suficiente para servir de contrapeso às lideranças de oposição, simultaneamente ter controle sobre suas lideranças, com a finalidade de não apresentar ameaças à manutenção do seu poder (Marcusso, 2018).

Ao escrutinar o teor da revista referente ao agrupamento em questão, pode-se depreender o quanto ela serviu de ferramenta, especialmente em seus anos iniciais, para o movimento de fortalecimento e divulgação dos valores militares por intermédio de publicações esparzidas pelo referido periódico. Tratava-se de uma clara tentativa de resgate da “moral” do exército – maculada em virtude dos ímpetos autoritários e violentos – com a nação, ao rechaçar informações, as quais, de certa forma, prejudicavam demasiadamente a imagem da instituição.

Ao abrigo de um olhar mais crítico, constata-se, além disso, uma preocupação em fomentar nos leitores, o (pretense) avanço do país nos distintos cenários esportivos. Como resultado, ter-se-ia uma “paixão maior pela pátria”, um senso de pertencimento à “nova estrutura política e ideológica”, ou seja, sob as premissas da eugenia poder-se-ia imprimir uma boa imagem dos militares. Citemos uma passagem textual que retrata a situação aludida.

Em um ano o Centro Militar de Educação Física adquiriu um progresso vertiginoso. Conseguiu achar a sua grande rota. Desse simples barracão de madeira feito, em princípios de 1931, pelo esforço dos seus primeiros e abnegados instructores a este edifício maravilhoso, que

contém um Ginásio único no Brasil – quiçá na América do Sul. E o plano de aparelhamento material é empolgante, é digno da tarefa grandiosa que se propõe: transformar esta sub-raça feia e triste – que habita o Brasil numa raça alegre, forte, vitoriosa. Mais uma vez se comprova que as grandes obras só podem ser frutos da vontade integrada de um só homem. Os conclaves sábios são inócuos e retóricos. Essa obra representa a vontade monolítica e o descortínio luminoso do Coronel Newton Cavalcanti. [...] Em um ano, n'um curto ano, vencida a má vontade de muitos e a incompreensão de alguns, ele vem montando a máquina que realizará essa obra e que o fixará para sempre no espírito da gratidão nacional. (Revista de Educação Física, 1932, s/p).

Apropriando-se das construções físicas do CMEF, a revista inscreve uma mensagem de teor contundente e bastante persuasório, haja vista os adjetivos superlativos que exaltam feitos e os colocam em um local de destaque nacional e até mesmo internacional. Frisam que os avanços serão capazes de transformar a população brasileira com ideais de alegria, força e vitória, ante a um quadro político que favorece tal feito. Ora, o país acabava de passar pela Revolução de 1930 e estava em um processo de compreensão e aceitação da “nova política” instituída. Existe, portanto, certo oportunismo conjuntural, pois o cenário encontra-se fragilizado, em termos de referências nacionais.

As publicações reforçavam a segurança e intrepidez que as forças armadas, notadamente o Exército brasileiro, forneciam aos cidadãos, de alguma maneira, com efeito, construindo uma boa e sólida imagem, à medida que reafirmavam o poder na figura daqueles que estavam à frente dos movimentos político-militares. Sendo capaz, de igual modo, de combater qualquer um que se opusesse ao Exército, nas palavras da revista, “vencer a má vontade de muitos e a incompreensão de alguns. (Revista de Educação Física, 1932, s/p).

Algumas impressões finais

No cerne de nossa prospecção estivera a Revista de Educação Física do Exército (brasileiro) sobre a qual nos inclinamos a examinar os aspectos: conceituais, pedagógicos e (in)formativos, de modo a averiguar quais tendências epistemológicas e perspectivas formativas refletem e inscrevem ao campo da Educação Física em suas produções científicas. Em outras palavras, sob uma perspectiva macroestrutural procuramos prospectar o referido periódico, a fim de cotejar o enfoque das produções, a maneira de tratá-las e a prevalência das mesmas.

Em linhas gerais, pôde-se averiguar que a Educação Física, segundo concebida pela revista em suas cinco primeiras décadas, figurou como uma (oportuna e pujante) ferramenta nacionalista, traduzida, de alguma maneira, nos interesses da chamada “política de eugenia” propalando os ideais de regeneração física e moral do homem, na medida em que veicula proposições (e noções) que depreciavam a miscigenação, e correlacionam, por sua vez, os problemas físicos e psicológicos a má hereditariedade. Por outro lado, confere destaque aos (supostos) indivíduos “bem-dotados”, quando comparados aos “indivíduos com déficit”, tendo como referência o arquétipo da “raça pura” cuja transmissibilidade resulta da herança genética.

Notabiliza, além disso, os esportes, ratificando, com isso, a expressiva repercussão do movimento de esportivização no Brasil e a crença de que ele seria um mecanismo de ascensão geopolítica, haja vista o fato de preconizarem o ideal regenerador do esporte – com algum nível de similitude ao preceito messiânico, como “salvador da pátria” –, não sem razão, compreendeu o maior quantitativo de alusões e espaço editorial na REF/JPE no interstício pesquisado. Sob outro ponto de vista, alija outras expressões da linguagem corporal de movimento, à semelhança do exposto na subseção relativa à dança e a seção referente ao gênero, ambas com os menores quantitativos de menções. Somam-se a isso, o alinhamento entre as práticas esportivas, os princípios eugênicos supracitados e os preceitos nacionalistas, ao passo que imprimem valores como: o fortalecimento dos homens; o aprimoramento

das capacidades físicas; colmatam “falhas de caráter”; abjugam vícios; aumentam a “produtividade no/do trabalho”; são profiláticas às doenças, conseqüências melhoram a raça brasileira.

Inequivocamente o periódico enaltece os espaços e ações das forças armadas, dando visibilidade para além dos muros dos quartéis, com destaque para os contributos epistemológicos difundidos num contexto em que não havia escolas de formação civil, apenas a do Exército Brasileiro, portanto, retratam e traduzem momentos históricos e assinalam à organização da Educação Física enquanto subárea de conhecimento e sua irrefutável correspondência (naquela tessitura) com as ciências da saúde, pensando as dimensões higiênicas e eugênicas como pressupostos científicos norteadores, à exemplo de os indicativos contidos no interior da categoria (analítica) intitulada: áreas de estudo na Educação Física, em que pesem os tímidos sinais das humanidades em algumas publicações mais recentes, acompanhando, inclusive, uma tendência do campo em tela. Até mesmo na tentativa de fomentar um caminho próprio (uma metodologia nacional) para seu ensino, ao que parece corresponde a um desapontamento constatado, de alguma maneira, por nossa investigação.

Fato igualmente perceptível quando se debate a concepção adotada à infância, sendo ela apenas uma fase biológica e preparatória à vida adulta. Correspondendo, portanto, a uma “ferramenta” para formação do ideal de nação, desconsiderando as predileções, necessidades e direitos dos diferentes modos de viver a(s) infância(s). Uma perspectiva propedêutica, análoga, quando o assunto se relacionava aos jogos/brincadeiras. Ora, se existe certo desprezo com a(s) infância(s) e suas inclinações/reivindicações por que haveria de tê-lo com os “improdutivos” artefatos e experiências lúdicas?

Malgrado aos delineamentos estabelecidos para a pesquisa e os limites impetrados para esta comunicação científica, seus indicativos podem, de alguma maneira, lançar rebento à questão perscrutada. Ademais, enquanto modelo heurístico, tal estudo representa um ponto

de partida para o desenvolvimento de outras pesquisas às quais se considerem outros critérios de análise. A propósito, por exemplo, examinar minuciosamente variáveis relativas às ilustrações, motes específicos desdobrados em cada uma das unidades temáticas, recortes temporais, ao invés da perspectiva panorâmica pela qual conduzimos a prospecção e as ilações suscitadas ao longo do texto.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física*. 1998 f. 119. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de pós-graduação em Educação-Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- ARIÈS, Philippe. *História social da família e da criança*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BETTI, Mauro. Sobre teoria e prática: manifesto pela redescoberta da educação física. *Revista Digital*. Buenos Aires, ano 10, n. 90, dez. 2005.
- BETTI, Mauro. *Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação*. 2. ed. Ijuí, RS: Unijí, 2013.
- BERTO, Rosianny Campos. *Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar: a educação física e a infância em revista nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. f. 182. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.
- BEZERRA, Fábio Marques. *Educação Física no Jardim-de-Infância: concepções e práticas corporais infantis na Revista de Educação Física do Exército (1932-1942)*. 2011 121 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
- BOGDAN, Radu J. *Grounds for cognition: How goal-guided behavior shapes the mind*. Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum, 1994.
- BOUTIN-QUESNEL, Rachel; BÉLANGER, Nycôle; KERPAN, Nada; ROUSSEAU, Louis-Jean. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec. (Cahiers de l'Office de la Langue Française), 1985.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. Psicologia do Esporte. In: Ferreira Neto, Amarílio; GOELLNER, Silvana Vilodre; BRACHT, Walter. (Org.). *As ciências do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1995. p. 133-147.

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ. Diário Oficial da União - Seção 1 - 10/11/1937, Página 22359 (Publicação Original), 1937. Recuperado de: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-35093-10-novembro-1937-532849-publicacaooriginal-15246-pl.html>

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. “O conceito de informação”. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 12(1), 148-207, 2007. Acesso em 23 out, 2022. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-9362007000100012&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-99362007000100012.

CARNEIRO, Kleber Tüxen. *O jogo na Educação Física Escolar: concepções dos professores*. 1. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2012.

CARNEIRO, Kleber Tüxen. *Por uma memória do jogo: a presença do jogo na infância das décadas de 20 e 30*. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2017.

CARNEIRO, Kleber Tüxen; Camargo, Ricardo Leite; Bronzatto, Maurício; Assis, Eliasaf Rodrigues de. A TERCEIRA MARGEM DO RIO: UMA PERSPECTIVA EQUILIBRADA DA COMPETITIVIDADE NO ÂMBITO DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. *Corpoconsciência*, 21(2), 80-92, 2017. Recuperado de <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/4964>

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1991.

CELLARD, André. A Análise Documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 295-316, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16 (2), 221-236, 2003. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>

CORSARO, William. *We're friends, right? Inside kids culture*. Washington: Joseph Henry Press, 2003.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectiva para o século XXI. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, mai. 2004.

CUNHA, Luciana Bicalho da. *A Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil: princípios e sistematizações de um método de ensino em circulação (1952-1980)*. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2017.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DIETRICH, P; LOISON, M; ROUPNEL, M. Articular as abordagens quantitativa e qualitativa. In: PAUGAM, S. *Pesquisa Sociológica*. Petrópolis: Vozes, p. 171-182, 2015.

EDUCAÇÃO FÍSICA, Revista de. Educação Física Infantil. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 1(1), 1931. Recuperado de https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/issue/view/3/pdf_16

EDUCAÇÃO FÍSICA, Revista de. Educação Física A vida no C. M. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 1(1), 1932. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/49/pdf>

EDUCAÇÃO FÍSICA, Revista de. Educação Física Infantil. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 2(1), 1933a. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/923>

EDUCAÇÃO FÍSICA, Revista de. Campos de Jogos. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, (pp. 26-27) 2(1), 1933b. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/926>

EDUCAÇÃO FÍSICA, Revista de. A educação física feminina no E. do Espírito Santo. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 2(5), 1-2, 1933c. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1287>

EDUCAÇÃO FÍSICA, Revista de. Hegemonia e raça. Revista De Educação Física / Journal of Physical Education, 2(7), 1, 1933d. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1922>

EDUCAÇÃO FÍSICA, Revista de. Hegemonia e raça. Revista De Educação Física / Journal of Physical Education, 3(3), 1, 1934. Recuperado de https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/issue/view/170/v.%203%20n.%203_3%20%281933%29

EDUCAÇÃO FÍSICA, Revista de. Refazendo o Povo Alemão. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 4(9), 2, 1935[2020]. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1316>

FERREIRA NETO, Amarílio. Escola de Educação Física do Exército (1920-1945): origem e projeto político pedagógico. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física*. Aracruz-ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, p. 69-95, 1998.

FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. *A história da Educação Física e os primeiros cursos de formação superior no Brasil: o estabelecimento de uma disciplina (1929-1958)*. 2016. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2008. Recuperado de <https://revistas.ufri.br/index.php/Recorde/article/viewFile/790/731>

GOMES, Mariana Simões Pimentel. *Procedimentos Pedagógicos para o ensino de lutas: contextos e possibilidades*. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

Launay, MARCEL. *René Voillaume (PETITS CERF HISTOIRE)* (Edição Francesa) 2005.

LEITE, Major Barbosa. *Evolução*. Rio de Janeiro: Divisão de Educação Física, Fundo Gustavo Capanema CPDEC/FGV, 1937.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 7ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LINHALES, Meily Assbu. *A escola e o esporte: uma história de práticas culturais*. São Paulo: Cortez, 2009a.

LINHALES, Meily Assbu.. Militares e educadores na Associação Brasileira de Educação: circulação de interesses em torno de um projeto para a educação física nacional (1933-1935). *Educ. rev.*. 2009. vol. 0(33):75-91. DOI: 10.1590/S0104-40602009000100006.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes: Petrópolis-RJ, 1997.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.

MARCUSSO, Marcus Fernandes. Exército, Política e Educação Militar no Brasil do Início da Década de 1930, *Revista Expedições*, Morrinhos/GO, v. 9, n. 2, jun. 2018. recuperado de https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7520

MELO, Victor Andrade de. Porque devemos estudar História da Educação Física nos cursos de graduação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10, 1997, Goiânia: *Anais...*, 1997. p. 738-744.

MELO, Victor Andrade de. A Educação Física e o estado Novo (1937-1945): A Escola Nacional de Educação Física e Desportos. *Efdeportes Revista Digital*, Buenos Aires, 12(115), 1-1, 2007. Recuperado de <https://www.efdeportes.com/efd115/a-educacao-fisica-e-o-estado-novo.htm>

MEDINA, João Paulo Subirá. *A Educação Física cuida do corpo... e "mente"*. Campinas: Papirus, 1983.

MIRANDA, Nicanor. O significado de um parque infantil em Santo Amaro. *Revista de Educação Física, Rio de Janeiro*, ano 8, n. 46, p. 1-2, out, 1939. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1546/1741>

MOLINA, Antonio de Mendonça. Importância da educação física para um povo: o método adotado. *Revista de Educação Física, Rio de Janeiro*, ano 1, n. 3, jul, 1932. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/909>

PACCA, Haroldo Pinto. Educação Física dos Cegos. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 18(1), 3, 2020. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1964>

PADILHA, Silvio. A educação física como base do esporte. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, (pp. 1) 2(3), 1, 1933. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1208>

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. *Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da Educação Física no Brasil*. 2003. 451 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PEREIRA, Aléx Sousa, REIS, Fábio Pinto Gonçalves dos, CARNEIRO, Kleber Tüxen, SCAGLIA, Alcides José. *Pedagogia das Lutas/Artes Marciais: do ambiente de jogo à sistematização do ensino*. Curitiba-PR: Brasil Publishing, 2021.

PEREIRA, Aléx Sousa, REIS, Fábio Pinto Gonçalves dos, CARNEIRO, Kleber Tüxen. DO AMBIENTE DE JOGO À PERSPECTIVA RIZOMÁTICA: CONJECTURAS PARA O ENSINO DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. *Corpoconsciência*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 208–225, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10777>. Acesso em: 7 jun. 2024.

PINHEIRO, Raíssa. *MILITARES E EDUCADORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: Revisitando o debate dos anos 1930 na Revista de Educação Física do Exército*. 2021 128 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2021.

PINHEIRO, João Ribeiro. O problema da alegria. *Revista de Educação Física: Rio de Janeiro*, (pp. 1), nº 3, jul, 1932.

REVERDITO, Riller Silva, SCAGLIA, José Alcides, MONTAGNER, Paulo César. (Org.). *Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e dos estudos* (Org.). São Paulo: Phorte, 2013.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Ontem e Hoje. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 1(1), 2, 1932. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/download/528/57>

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Memento Francês de Educação Física Militar (1946). *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 17(3), 2, 2020. Recuperado de <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1782>

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. *A Pedagogia das Lutas: caminhos e possibilidades*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. *Metodologia do ensino de lutas na escola*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A, 2018.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>

SADI, Renato Sampaio. *Pedagogia do Esporte: descobrindo novos caminhos*. 1ª ed., São Paulo: Ícone, 2010.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández, LUCIO, Maria del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: Correntes e confluências. In: Sarmento, , Manuel Jacinto; Gouvêa, Maria Cristina Soares de (Org.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SCAGLIA, José Alcides. *O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes*. 2003. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Autores Associados, Campinas – SP, 1982.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 2017. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. *Revista Movimento*, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 155–174, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.32108. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/32108>. Acesso em: 7 jun. 2024.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Histórias de Educação Física na escola*. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

VOILLAUME, René. *(Au Coeur Des Masses. La Vie Religieuse Des Petits Freres Du Pere De Foucauld)*, 1954.